

6 Análise de dados

A linha teórica escolhida para fundamentar esta pesquisa, o *funcionalismo*, justifica-se porque pretendo analisar a língua em uso, diferente da abordagem tradicional, que faz análise de frases soltas, em geral frases tiradas de textos escritos há algum tempo, fora da realidade atual da língua. Diante disso, procurei dados que pudessem fornecer informações acerca do desempenho dos falantes do português brasileiro no uso dos verbos *haver* e *existir*, abrindo também precedentes para o uso de *ter*, nos predicados existenciais. Meu olhar voltou-se para a questão da *concordância* entre o SN posposto e o verbo, pois minha hipótese é que a sintaxe das construções com *haver* e *existir* traz dúvidas aos usuários da língua.

Pesquisei o uso de construções com esses verbos em jornais, num curto período de tempo, a fim de verificar como os usuários do português se portam na escrita monitorada em relação ao parâmetro concordância com o SN. Os jornais pesquisados foram *O Globo* e *O Dia*, no período de 19/08/08 a 01/09/08. Os textos foram de seções e gêneros variados, e o resultado foi o seguinte:

Predicados Existenciais	
<i>Haver</i> com sentido existencial	21 ocorrências (91%)
<i>Existir</i>	2 ocorrências (9%)
<i>Ter</i> com sentido existencial	nenhuma ocorrência

Os dados acima permitem observar que, na escrita monitorada, os redatores têm preferência pelo uso do verbo *haver*, deixando *existir* em segundo plano: na verdade, não encontrei *existir* no jornal *O Globo*, esse verbo só aparece em *O Dia*. Outro dado importante é a confirmação da norma gramatical para esse tipo de predicado: os livros de gramática consideram que o uso de *ter* com sentido de *existir* é corrente na língua falada, e poucos exemplos são citados como usados pelos escritores brasileiros. A falta de ocorrência com o verbo *ter* na escrita jornalística confirma a “obediência” às normas gramaticais. É fato que a escrita monitorada tolhe e muito a espontaneidade da linguagem, e certamente os manuais de redação dos jornais contribuem para o uso preferencial de um ou outro verbo. É importante ainda salientar que não encontrei nos textos de jornal a

concordância do SN posposto ao verbo no caso de *haver*, só o acontece com o verbo *existir*, algo que comprova o cuidado acentuado que as redações de jornal têm com uso normativo da língua.

Outra fonte de dados foi o uso de um questionário¹¹ aplicado a estudantes do 2º e do 3º anos do Ensino Médio e a professores colegas de trabalho. O foco desse questionário foi verificar quais construções os usuários do português brasileiro consideram aceitáveis com os verbos acima. Um detalhe: o conceito de aceitabilidade não tem a ver com a norma gramatical e visa a saber o que é corrente na mente do falante, segundo sua intuição. Procurei mesclar outras frases que não faziam parte do meu foco para que ele não fosse identificado por quem efetuou as respostas, a fim de obter respostas as mais espontâneas possíveis. Num total de 46 questionários respondidos por 46 pessoas diferentes, eis o que encontrei:

Nº das frases (v. Anexo 1)	Aceitabilidade	Resultado
5	Aceitaram <i>haver</i> (passado) concordando com SN no plural	52%
13	Aceitaram <i>existir</i> sem concordância com SN plural	63%
4	Aceitaram <i>ter</i> (presente) sem concordância com SN plural	69%
6 e 14	Aceitaram <i>ter</i> (passado) no plural com SN no plural	78%
3	<u>Não</u> aceitaram sujeito anteposto com <i>existir</i>	93%
8	<u>Não</u> aceitaram SN anteposto com <i>haver</i>	76%
9	Aceitaram a forma “ <i>hã</i> o” com SN plural	24%

Os percentuais mostram que há um “empate técnico” entre a aceitabilidade e a não-aceitabilidade de *haver* passado no plural (*houveram*) com SN plural subsequente (52%). Em contrapartida, o uso de *haver* presente no plural (*hã*o) é bem menos aceito (24%). Provavelmente isso acontece por causa do quesito *eufonia*: de fato, não é corrente na língua falada o uso de *hã*o em predicados existenciais, e a ausência de ocorrências foi o que certamente influenciou as respostas, soando como algo afônico. Por outro lado, o fato de aparecer com mais frequência o uso de *haver* flexionado no passado provavelmente influenciou as respostas aceitando essa construção. É interessante também nos resultados obtidos

¹¹ Anexo 1

o percentual de 63% de aceitação para a frase com *existir* sem concordância com o SN sujeito no plural, indo contra a norma gramatical para o verbo *existir*: SN sujeito concordando com o verbo. Fator relevante pode ser que esse verbo apareceu no presente (*existe*), na frase sugerida, algo que pode soar como uma influência de *haver* no presente. Ainda quanto ao fator concordância, acontece com o verbo *ter* algo semelhante quando aparece no presente: 69% aceitaram a forma *tem* (singular) com SN posposto no plural. A surpresa quanto ao verbo *ter* é que 78% das respostas aceitaram-no no plural com SN no plural, quando apareceu no passado (*tiveram e tinham*).

Mudando o ponto de vista, quando o item trabalhado na questão foi a ordem dos termos, encontrei que em predicados existenciais a preferência é pelo SN posposto ao verbo, independente do verbo em questão. Os resultados mostram que 93% das respostas consideram inaceitáveis a anteposição do sujeito do verbo *existir*, e 76% consideram inaceitáveis construções em que o SN é anteposto ao verbo *haver*. Esses números põem em cheque a ênfase dada pela gramática tradicional à ordem do sujeito, à esquerda do verbo, e mostram que a ordem natural na mente do falante para o sujeito do verbo *existir* é à direita do verbo, ordem atribuída pela norma ao objeto direto.

Além dos resultados relevantes obtidos na análise de predicados existenciais, mesmo não sendo o foco, gostaria de citar um ponto que merece destaque, em relação às frases usadas para despistar a atenção dos inquiridos: usos estigmatizados são recusados prontamente pelos falantes, como acontece na construção “a gente fomos”, recusada em 87% das respostas.

Uma outra fonte de dados utilizada nesta pesquisa, com intuito descritivo, trabalhou o conhecimento que os usuários têm a respeito das funções desempenhadas pelos termos na oração. Isso já implica uma certa monitoração, pois as pessoas tiveram que pensar nos conceitos atribuídos pela gramática aos termos propostos. Os informantes foram também os alunos do 2º e do 3º anos do Ensino Médio e professores. Elaborei um exercício¹² cujo foco eram as noções de *sujeito* e *objeto direto*, mas usei para despistar a atenção frase com *predicativo*. A proposta era que os informantes pensassem na função do SN em destaque e escolhessem somente uma resposta para cada questão. Para cada frase, cinco ao

¹² Anexo 2

todo, três opções de resposta foram sugeridas. A partir das respostas dadas por 36 pessoas, apresento o quadro abaixo:

Verbo	Função do SN	Resultado
<i>Existir</i>	<i>sujeito</i>	28%
	<i>objeto direto</i>	42%
	<i>predicativo</i>	30%
<i>Haver</i>	<i>sujeito</i>	14%
	<i>objeto direto</i>	47%
	<i>predicativo</i>	39%
<i>Ter</i>	<i>sujeito</i>	53%
	<i>objeto direto</i>	17%
	<i>predicativo</i>	30%

Os resultados obtidos nesse exercício chamam a atenção, primeiramente, pelo baixo percentual atribuído à possibilidade do SN ser sujeito com o verbo *existir* (28%), o que acontece na mente do falante independente da norma, que inclusive não é confirmada. Já nas respostas dadas para as construções com *haver*, há a confirmação da norma gramatical, pois só 14% das respostas aceitaram o SN destacado como sujeito. Acredito que o baixo percentual para a resposta *sujeito* nesses dois casos está relacionado ao fator *posição* do SN, que em todas as frases estava posposto, e isso pode ser confirmado pelo número de respostas atribuídas ao SN como objeto direto: 42% com o verbo *existir* e 47% com o verbo *haver*. Chama a atenção o número de respostas para o SN desempenhando a função de sujeito com o verbo *ter* (53%) e o baixo percentual para respostas como objeto direto (17%) para esse mesmo verbo. Algo que vale a pena colocar é que em todas as frases o SN está no singular, não havendo possibilidade de influência na resposta por parte do termo em destaque. Esses números questionam a validade da norma gramatical sobre a intuição do falante, que parece ter internalizado, para a função do SN em predicados existenciais, concepções diferentes em relação à proposta da gramática. Neste ponto questiono inclusive a internalização e a importância dada ao conhecimento dos conceitos, pois o número de respostas para o SN com função de predicativo nas frases com *existir* e *haver* foi muito acentuado, comprovando a confusão com os conceitos.

Procedi ainda à análise em redações escolares¹³ de alunos do 2º e do 3º ano do Ensino Médio. Ao todo, foram selecionados dez textos escritos por dez alunos diferentes em que apareceram predicados existenciais, com tempos verbais simples e locuções verbais. A análise dos predicados com tempos simples considera o número do SN e a concordância ou não do verbo com esse SN. A análise dos predicados em que apareceram locuções verbais considera também o número do SN e sua possível concordância com o verbo auxiliar. Os resultados podem ser visualizados a seguir:

Tempos simples	Número do SN	Parâmetro	Ocorrências	Percentual
<i>Haver</i> (44%)	SN no singular	[- conc]	6	86%
	SN no plural	[- conc]	1	14%
	SN no plural	[+ conc]	0	-
<i>Existir</i> (44%)	SN no singular	[- conc]	0	-
	SN no plural	[- conc]	4	57%
	SN no plural	[+ conc]	3	43%
<i>Ter</i> (12%)	SN no singular	[- conc]	0	-
	SN no plural	[- conc]	2	100%
	SN no plural	[+ conc]	0	-

Locuções verbais (verbo principal)	Número do SN	Parâmetro	Ocorrências	Percentual
<i>Haver</i> (50%)	SN no singular	aux [- conc]	1	50%
	SN no plural	aux [- conc]	0	-
	SN no plural	aux [+ conc]	1	50%
<i>Existir</i> (0)	SN no singular	aux [- conc]	0	-
	SN no plural	aux [- conc]	0	-
	SN no plural	aux [+ conc]	0	-
<i>Ter</i> (50%)	SN no singular	aux [- conc]	1	100%
	SN no plural	aux [- conc]	0	-
	SN no plural	aux [+ conc]	0	-

Os resultados colhidos permitem mais uma vez confirmar que a preferência na língua escrita para predicados existenciais, quando são usados tempos simples, é pelo uso dos verbos *haver* e *existir*: os percentuais de 44% de ocorrências para um e outro e somente 12% para *ter* confirmam esse fato. Os resultados das

¹³ Anexo 3 (trechos)

ocorrências com tempos simples mostram ainda que o uso de *haver* esteve em conformidade com a norma gramatical, pois não apareceu uso desse verbo concordando com SN plural: embora eu só tenha encontrado uma ocorrência de *haver* seguido de SN plural, não houve concordância. Quanto ao verbo *existir*, acontecem fatos diferentes, pois não há ocorrência com SN no singular. A surpresa no uso desse verbo está no alto índice de agramaticalidade nas construções cujo SN está no plural: 57% das ocorrências aparecem sem concordância do verbo com SN no plural, contrariando a norma gramatical para o verbo *existir*. Nas construções com o verbo *ter*, não apareceu SN no singular, e as duas ocorrências com SN no plural trazem verbo no singular, ou seja, não há concordância entre o verbo e o SN.

Quando se trata de locução verbal com valor existencial, o número de ocorrências é bem menor: só três construções foram encontradas. Mas o resultado da análise comprova que os limites entre o uso da norma e a intuição não são bem definidos na mente do usuário. Aparecem duas ocorrências de locução verbal em que *haver* é o verbo principal, uma com SN no plural e outra com SN no singular, no mesmo texto: a frase em que o SN está no plural traz concordância do auxiliar, contrariando a norma culta. Isso prova que o usuário tem dúvidas ou desconhece a regra gramatical de que nas locuções com *haver* significando existência o auxiliar deve permanecer no singular. A outra construção com locução verbal traz o verbo *ter* como principal e o SN está no singular, portanto sem apresentar dificuldades para o desempenho.

Contrastando os resultados, a abordagem funcional possibilita deduzir que o falante do português brasileiro, em condições não-monitoradas de comunicação, portanto sem pensar nos conceitos gramaticais, tende a considerar sujeito o SN relacionado com os verbos em estudo, pois a valência, seja de *existir*, seja de *haver*, ou até de *ter* prevê um espaço vazio para “o ser que existe”. Os percentuais para as frases do questionário (Anexo 1) em que houve maior aceitabilidade do verbo no plural com SN plural (frases 5, 6 e 14) vêm de encontro a essa suposição. Sendo esse o único espaço a ser preenchido, de acordo com a hierarquização proposta pela gramática de valências (1º espaço: *sujeito*; 2º espaço: *complemento direto*; 3º: *complemento indireto*), o SN exerceria a função de *sujeito*. A intuição do falante trata de modo igual os três verbos, que são sinônimos para predicados existenciais, e a hierarquia parece se confirmar. A

questão da norma é algo à parte, até porque, como visto, a intuição recusa imediatamente só os usos estigmatizados ou construções não-correntes na língua, e os conceitos gramaticais parecem não estar muito claros na mente dos usuários da língua.

Para ilustrar meu ponto de vista, importante contribuição encontrei em **Said Ali** (1957) a respeito da sintaxe de *haver* e do que causa a interpretação tradicional como verbo impessoal em predicados existenciais, trazendo tantas dificuldades para os usuários em relação à sintaxe desses predicados. Segundo o mestre, não basta considerar que esse verbo provém do latim *habere*. Há uma questão de evolução semântica complexa envolvida na história de *haver*, que primitivamente trazia a idéia de posse; além do mais, no latim os predicados existenciais eram constituídos com o verbo *esse*, que pode ser traduzido como *ser* ou *estar* no português. Eis o que escreve Said Ali (p. 118):

Primeiro que tudo, o latim que se sabe dos livros exprimia a oração existencial por meio de *esse*. O verbo *habere* servia a outros fins; e ainda que pareça ter passado, dentre as suas várias acepções, a mais usual de *possidere* para o que se tornou em oração existencial, não encontramos nas escassas fontes do latim popular o modismo tipo por onde se operou a transição semântica. Teria por sujeito um nome no singular, certo e determinado, que por fim caiu em desuso e morreu no esquecimento. Ficou então só o verbo e este continuou a usar-se sempre na forma singular.

O texto de Said Ali deixa claro que o que a norma gramatical considera hoje como impessoalidade para o verbo *haver* é o fato de, na sua evolução, ter desaparecido o SN que o acompanhava e que se apresentava no singular, fazendo o verbo ficar no singular. Talvez seja difícil para nós compreendermos o que seria esse nome “no singular, certo e determinado” a que se refere Said Ali, mas parece que há uma construção parecida na língua inglesa: toda frase existencial em inglês começa com *there*, que é um advérbio (“lá”), portanto, de natureza nominal, seguido do verbo *to be* (*ser* ou *estar*). A diferença é somente que o verbo no inglês concorda com o número do SN.

A abordagem *funcional* faz-me acreditar que a interpretação dos fenômenos sintáticos na mente do falante se dá de modo diferente das propostas tradicionais. Ao ditar o “certo” e o “errado”, a norma como que dá uma machadada no desempenho do usuário da língua e cria dificuldades em princípio insolúveis.